

Prefácio

Robin M. Wright

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WRIGHT, R.M. Prefácio. In: GARNELO, L. *Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 9-11. Saúde dos povos Indígenas collection. ISBN: 978-65-5708-012-2.

<https://doi.org/10.7476/9786557080122.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Coerente com os modelos baniwa de organizar o universo, o livro de Luiza Garnelo, produto de sua tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), trabalha com três círculos concêntricos – correspondentes às três partes que o compõem – e as conexões entre eles. O primeiro, e o mais fundamental, se refere aos sentidos que os Baniwa atribuem ao seu mundo, o cosmos, e o lugar central que a doença ocupa nele. É a parte mais densa do livro, mas com bastante habilidade a autora apresenta ao leitor esse complexo mundo. Não é uma descrição pura e simples do cosmos em sua relação com os mitos de criação, pois ela mostra que existe uma profunda conexão entre os atos de criação ou transformação pelos seres primordiais, as divindades, e a política. A criação envolve a política; todo ato de criação envolve – como se fosse em troca – um ato de destruição, o lado negativo que geralmente é manifesto na doença. Esta foi introduzida no mundo nos primórdios da humanidade e é inerente à natureza da existência humana. A própria divindade, chamada o Senhor das Doenças, é ao mesmo tempo a fonte e origem dos instrumentos sagrados mediante os quais a vida se reproduz e pelos quais os humanos podem se destruir através da doença, geralmente atribuída à feitiçaria. Todos os atos de criação elaborados nos mitos acontecem por intermédio de enredos políticos tramados entre os atores. São inúmeras as histórias de ‘tribos’ primordiais que ameaçam destruir a ordem e a harmonia desejada pelo Criador ou tentam impedir que tal ordem se reproduza.

O drama cosmogônico que acaba criando o eixo vertical do cosmos, associado à reprodução da ordem, é traduzido no mundo humano nas histórias políticas, relações de guerra, no comércio e matrimônio, os quais definem o eixo horizontal do mundo baniwa, as relações entre as fratrias e os *sibs* Baniwa e outros povos – os Tukano, os Maku, os Maquiritare e outros do noroeste amazônico (alguns desses povos, como os Maquiritare, vivem na Amazônia colombiana). Do mesmo modo que, no eixo vertical, a identidade humana só se define através de uma tensão constante com a alteridade, no eixo horizontal das relações entre grupos atuais, a história consiste de tramas políticas com os ‘outros.’ Esses ‘outros’ abrangem desde os aliados e afins potenciais até os inimigos com quem faziam a

guerra. Os afins potenciais representam uma ameaça particularmente ambígua porque, como ensinam os mitos, podem matar os parentes por meio de feitiçaria e doenças, mas, no entanto, são a fonte de bens e descendentes. São um mal necessário da vida.

Na segunda parte do livro, Garnelo analisa a organização política baniwa, começando com uma breve discussão das instituições tradicionais como a guerra – marcante na memória baniwa sobre o seu passado, e na memória de povos vizinhos sobre os Baniwa –, os líderes de guerra e chefes de aldeias, a centralidade da dinâmica entre a organização hierárquica dos *sibs* – característica também da organização sociopolítica dos povos tukano-falantes da região – e uma ética cotidiana de igualitarismo. A história recente modificou o funcionamento dessa dinâmica, particularmente em relação à estrutura interna da autoridade nas comunidades a qual é definida, na maioria, pela organização evangélica. Finalmente, ela atualiza essa discussão considerando o movimento associativista que, desde os anos 80, tem definido a configuração política da região com mais de 30 associações políticas locais, ou 'organizações de base', várias das quais entre os Baniwa do Içana e Aiari. Focaliza atenção, ainda, em uma das associações mais bem-sucedidas da região, com a qual ela colabora desde a sua criação. É esse trabalho que lhe permite fazer uma análise extremamente interessante e detalhada do dia-a-dia das associações e de seus líderes – uma contribuição original e valiosa a nossa compreensão do movimento indígena. Quais os problemas que as lideranças enfrentam? Quais as barreiras que precisam ser superadas? Como eles conseguem construir novos espaços de intermediação entre os Baniwa e os Brancos? Como lidam com as armadilhas do maquinário do Estado e quais os riscos pessoais que correm? As próprias lideranças traçam paralelos entre as lutas que enfrentam para conseguir uma vida melhor para o seu povo e as lutas do Criador que, nos tempos míticos, teve de enfrentar inúmeras armadilhas e até a morte nas mãos de outras tribos. O Mito é sempre atualizado na política contemporânea. Os depoimentos de algumas lideranças são eloqüentes nessas comparações entre as habilidades e a 'esperteza' dos heróis míticos e o que é exigido das lideranças atuais.

Novamente, a doença e a cura representam o processo crítico para a definição de relações de poder. As doenças, e mais especificamente aquelas provocadas pela ação humana (a feitiçaria), são mecanismos normativos para a regulação de poder. As lideranças, portanto, se colocam numa posição de extrema vulnerabilidade, como os profetas do passado e como os heróis míticos, pois são mais sujeitos aos ataques dos inimigos que procuram nivelar, senão inverter, as relações de poder. Por isso, os Baniwa se encontram numa 'encruzilhada da história', como diz a autora: para conseguir os recursos que por tantas gerações lhes foram negados, precisam afrouxar as normas de nivelamento ou igualitarismo, pois as novas lideranças precisam de espaço para negociar as mudanças ou correm o risco de sacrificar as lideranças.

A Parte III analisa o terceiro círculo, o de maior abrangência, definido pelo processo atual de globalização em que o movimento indígena está inserido. A história baniwa ensina que eles começaram a ser envolvidos em sistemas político-econômicos maiores logo no início do contato com os Brancos – o sistema de escravidão no século XVIII, os dois ciclos da borracha nos séculos XIX e XX, além de uma série de outras formas de extrativismo para mercados externos. Tais ciclos deixaram-nos em situações de extrema dependência até a metade do século XX, quando a maioria deles se converteu ao protestantismo evangélico, resultado da Cruzada de Evangelização Mundial (World Evangelization Crusade), efetuando relativa ruptura com os processos colonizatórios anteriores. A 'mundialização', portanto, não é novidade para eles. Nova é a postura das lideranças atuais buscando assumir o controle sobre sua participação nesse processo, afirmando a sua etnicidade no contexto global. O texto mostra grande habilidade em analisar diversos aspectos da nova politização baniwa, principalmente na área da saúde.

Com isso, os círculos se fecham em torno da questão da saúde, esfera em que Luiza Garnelo tem atuado na região do Alto Rio Negro desde os anos 90, com o programa Rede Autônoma de Saúde Indígena da Universidade Federal do Amazonas, vinculando o presente mais uma vez com os fundamentos míticos, através da noção de poder.

Robin M. Wright

Doutor em antropologia, professor do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp, pesquisador dedicado ao estudo da cultura baniwa